

ALIENAÇÃO ECLESIAL

ECLESIAL ALIENATION

ALIENACIÓN ECLESIAL

Mariana Veríssimo Soares de Aguiar e Silva

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

ORCID – <https://orcid.org/0000-0002-4888-9801>

1

Yuri Miguel Macedo

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/ Universidade Federal da Bahia

ORCID – <https://orcid.org/0000-0003-0926-6553>

Resumo: Este texto busca, de forma concisa e objetiva, construir a noção de *Alienação Eclesial* bem como o seu processo de produção por meio das práticas educativas que se desenvolvem nas escolas e nas igrejas. Para tal discute a formação morfológica do termo e conclui por apresentar exemplos clássicos de *Alienação Eclesial*.

Palavras-chave: Alienação Eclesial. Religião. Igreja. Escola.

Abstract: This text seeks to concisely and objectively build the notion of *Ecclesial Alienation* as well as its production process, as it happens, the places where it occurs, the term's morphological formation and concludes by presenting classic examples of *Ecclesial Alienation*.

Keywords: Ecclesial Alienation. Religion. Church. School.

Resumen: Este texto pretende, de forma concisa y objetiva, construir la noción de *Alienación Eclesial*, así como su proceso de producción a través de las prácticas educativas que tienen lugar en las escuelas e iglesias. Para ello, discute la formación morfológica del término y concluye presentando ejemplos clásicos de *Alienación Eclesial*.

Palabras-clave: Alienación eclesial. Religión. Iglesia. Escuela.

Alienação é uma palavra que está na ordem do dia quando se percebe o que se identifica com ricos e trabalhadores que se identificam com os interesses dos patrões. Mas o que é alienação e a quem interessa? Pode se colocar a questão de outra maneira: Por que as pessoas se

alienam? Pode-se observar, inicialmente que se trata de um termo com sentidos diversos. Entretanto, o que interessa aqui é a alienação eclesial, embora seja necessário tratar os dois termos separadamente para, em seguida, juntá-los.

A noção de alienação remete à ação de alienar bem como ao resultado dessa ação, pois a alienação diz respeito a uma pessoa considerada em suas relações consigo mesma ou ao fato de se tornar estranha a si mesma de forma a perder a capacidade de decisão e de fazer escolhas. Do ponto de vista dos estudos do campo da Psiquiátrica, o termo alienação pode remeter a distúrbios psíquicos profundos privando um indivíduo de suas faculdades mentais. Portanto trata-se de um processo que visa fazer com que a pessoa tenha o espírito desviado, não seja mais ela mesma, seja estranha a si mesma, que ela perca suas próprias referências, não se pertença mais de forma a ser manipulável e explorável até desejar ser a presa e escrava daquele que a aliena. Este processo faz com que aquele que é alienado seja condenado a ser dominado e esmagado em todos os sentidos por aquele que o aliena.

O termo Alienação é um substantivo feminino que se refere sempre à alguma coisa. Remete à privação de liberdades, de direitos humanos essenciais experimentados por uma pessoa ou grupo social sob a pressão de fatores permanentes (Hegel, 2002) ou históricos (Marx, 2002) que a escravizam pela natureza ou pela classe dominante. Fala-se em alienação econômica, política e religiosa sendo que é a última que mais se aproxima do que interessa neste texto.

O termo alienação tem origem em Hegel e em Ludwig Feuerbach, que formulou uma teoria do paradoxo da alienação humana a partir da religião. Em Hegel (1807), a alienação é um processo essencial pelo qual a consciência é ingênua e acaba se convencendo de que há um mundo independente.

De acordo com BODART e SILVA (2014) “o adjetivo de alienado está relacionado à população desprovida de conhecimentos científicos e filosóficos, uma vez que limitados as “lentes” da religiosidade e/ou do senso comum acabam ficando alheios (*alienus*) dos fenômenos políticos, econômicos e científicos.” A partir dos processos alienatórios, podemos ver que os processos sociais que são divididos em dissociativos e associativos fazem parte desse conceito alienatório. Tendo por base um conceito sociológico, a Alienação por interpretação da Psicologia designa os conteúdos reprimidos da consciência e também os estados de despersonalização em que o sentimento e a consciência da realidade se encontram fortemente diminuídos, que corrobora para os aspectos humanos e para a convivência social visando o cerceamento de uma sociedade pensante. Por outra vertente a Filosofia, aborda a alienação como a renúncia de algumas liberdades individuais a favor do Estado. No sentido estritamente filosófico, entende-se por alienação o processo ou estado em que algo ou alguém é ou se converte num estranho para si próprio (distante, desconhecido, alheio, outro).

A alienação é a diminuição da capacidade das pessoas em pensar ou agir por si próprios. As pessoas em situação de alienação não se interessam por ouvir opiniões alheias, sobretudo as contrárias às suas, e zelam por ouvir apenas o que lhe interessa, por isso são pessoas alienadas. Para Marx a alienação religiosa tem a mesma origem da alienação econômica. Só é possível se acabar com a religião realizando a liberdade absoluta do homem em relação às suas determinações materiais.

A alienação religiosa é o reflexo imaginário nos cérebros humanos das forças externas da natureza e da sociedade que massacram os homens. É porque a existência social do homem é uma existência doentia que a consciência humana elabora sonhos compensatórios que anestesiam seus sofrimentos. Portanto quando Marx afirma que a religião é, portanto, o ópio

do povo pode-se entender que a religião contribui para tornar as pessoas alienadas.

O termo *Eclesial* está diretamente ligado às igrejas especialmente de denominação cristã. *Eclesial* vem da etimologia de duas grandes bases filosóficas e sociológicas. Na Filosofia as questões *Eclesiais* servem basicamente para preencher as lacunas metafísicas da vida social. Tais lacunas são geralmente baseadas em dogmas, crenças e tradições construídas por exemplo nas igrejas e nos templos religiosos.

O conceito de alienação foi elaborado pela primeira vez pelo filósofo alemão Hegel (2008) que afirma que a alienação é uma característica essencial do homem (a mente finita). Portanto a produção de coisas gera a alienação pois nesta produção, o homem se expressa em objetos. Essa objetificação, conforme denominada por Hegel, é uma forma de alienação que se dá por meio de coisas físicas, produtos culturais ou instituições sociais. Assim, os objetos produzidos pelo homem tornam-se estranhos ao próprio homem, ao assumirem sua forma e função.

Na Sociologia, está estritamente relacionada à teoria marxista. Marx (1988) considera que a alienação é um componente importante para o funcionamento do capitalismo. Isto significa que é necessário que a pessoa venda a sua força de trabalho para o dono dos meios de produção e se aliene do próprio produto do seu trabalho, que será vendido pelo proprietário na forma de mercadoria.

Ao juntar os conceitos acima chega-se à noção de “*Alienação Eclesial*”. Mas o que é *Alienação Eclesial*? A partir dos conceitos apresentados, a *Alienação Eclesial* se refere a um processo social que, pode ser associativo. Isto é, quando provém de um esforço coletivo em prol de um bem comum e cujas ações sejam deliberadas de forma que se somem à sociedade, em sua maioria na tentativa de busca por atender aos interesses de um coletivo. Esse processo social de *Alienação Eclesial* pode ser ainda dissociativo, quando tem como consequência a construção de dispositivos

de discriminação, racismo, xenofobia, intolerância, LGBTQIfobia, bem como outras ações que tem como objetivo promover a demonização de pessoas, credos, filosofias, práticas e vivências.

Retoma-se neste texto o termo a fim de problematizar uma condição evidenciada historicamente em que a maioria dos casos de *Alienação Eclesial* prima pelo enriquecimento das igrejas. Esse enriquecimento se dá principalmente a partir de uma visão Cristocêntrica que, pautado na Bíblia, faz atrocidades contra as camadas menos favorecidas e as minorias. De acordo com JOHNSON (1997, p. 235) igreja é:

...um tipo de organização religiosa que se distingue por suas características estruturais. A filiação é em geral atribuída por ocasião do nascimento da criança e inclui indivíduos de uma larga faixa de meios formativos de **CLASSE SOCIAL**. Possui estrutura burocrática e líderes treinados, com autoridade claramente definida. Os rituais costumam ser abstratos, com pouca exibição de emoção durante os serviços religiosos. Em relação a outras grandes instituições, como o ESTADO, as igrejas tendem a apoiar o status quo e as categorias e grupos sociais dominantes.

A partir dessa ideia de hierarquização e treinamento, o processo de *Alienação Eclesial* se caracteriza por ser regido por um líder religioso, que pela via da fé representa, na maioria das vezes, seu interesse pessoal e suas ideologias para que seus seguidores aceitem a viver conforme a doutrina por ele estabelecida.

Mas onde se dá a Alienação Eclesial? Nas instituições sociais religiosas, tais como os de caráter conversionistas, nas vivências, nas doutrinas, nos rituais e, sobretudo nos discursos ideológicos pautados em conhecimentos não científicos. Conhecimentos esses, baseados no abuso da fé e uso da má-fé que estão cujas interpretações, da Bíblia são deturpadas. Estes dirigentes usam de má-fé, para atingir seus interesses pessoais, como causa de luta, ainda que seja necessário desconsiderar o outro como humano, retirando dele a capacidade de fazer as suas próprias escolhas.

A alienação eclesial está presente também em algumas escolas, em especial aquelas que atendem aos pobres. São escolas que cumprem seu papel, determinado pela elite dominante, de continuar sendo um dos instrumentos de manutenção da desigualdade social por meio da alienação. Assim como afirma Althusser (2007) a escola bem como as igrejas, cumprem o papel de aparelhos ideológicos do Estado.

As escolas que promovem a alienação eclesial se caracterizam por proporcionar aos filhos dos trabalhadores uma educação alienada dos processos de desigualdade social. Uma educação que remete à cultura disciplinar baseada no uso da força que promove a obediência e servidão. Uma educação que teve seu ápice nas escolas do século XIX e nos quartéis, que negam aos filhos dos trabalhadores o conhecimento das teses de Paulo Freire. São teses que evidenciam como papel da escola a construção da autonomia e emancipação das pessoas, a educação como prática da liberdade em oposição a toda opressão disposta na pedagogia da alienação.

Ao se pensar nas práticas que alienam, e principalmente sobre o papel da escola, a pesquisadora Brito (2019, p.44), afirma que,

a invenção da escola e sua obrigatoriedade para todas as crianças e, posteriormente, para os jovens, não acontece de forma neutra e distanciada das demandas sociais e políticas exigidas pelo novo regime econômico, político e social que se instaurava. A formação dos sujeitos “iluminados” e conhecedores das especificidades dos saberes presentes nas ramificações da grande árvore do saber, proposta por Descartes, correlacionam-se e possibilita as condições para que as crianças e jovens das classes trabalhadoras sejam “ensinadas” no melhor estilo da burguesia.

A burguesia e o clero consideram como possível e provável, formar trabalhadores que se manterão pobres alienados, obedientes, adestráveis e cumpridores das normas. Embora, haja todo esse processo imbricado nas relações de poder, que visam alienar, Canguilhem (2001) afirma que “todo

homem quer ser sujeito de suas normas. A ilusão capitalista está em acreditar que as normas capitalistas são definitivas e universais, sem pensar que a normatividade não pode ser um privilégio."

A alienação leva os próprios pobres a assumirem o discurso da elite ao se identificarem como culpados pela sua pobreza. Consideram que se trata de uma pretensa falta de esforço ou iniciativa, afirmando que a riqueza dos ricos resulta de trabalho, dedicação e merecimento. Alienados que são, pela condição em que nascem por não conhecerem a própria história, não se identificam com suas origens e a negam. Portanto, não percebem que a desigualdade é fruto de um sistema institucionalizado cuja dinâmica estrutural carece ser no mínimo questionada, negada e finalmente revertida. A alienação leva por sua vez os ricos, igualmente a terem certeza de que são ricos por possuírem qualidades excepcionais geralmente herdadas legitimamente dos seus antepassados. Assim, a desigualdade histórica gerada pela má distribuição de renda produzem outras desigualdades, entre elas a desigualdade educacional.

A escola é um dos aparelhos ideológicos, por meio dos quais as práticas docentes se materializam como processos de formação, de aprendizagem e de ensino. Esses processos podem alienar ou emancipar, pois embora a Constituição Federal de 1988 determine que a escola deve ser laica, isto não se concretiza tendo em vista a opção religiosa do professor/a. Nesse sentido, o papel escola conforme prevê a Base Nacional Comum Curricular - BNCC de 2018 é:

"Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal" (BRASIL, 2018, p. 438)

A disciplina Ensino Religioso, como componente curricular do ensino fundamental, nos anos finais, deve ser um espaço amplo para o debate das diversas crenças, religiões, religiosidades e doutrinas.

Cabe ao Ensino Religioso tratar os conhecimentos religiosos a partir de pressupostos éticos e científicos, sem privilégio de nenhuma crença ou convicção. Isso implica abordar esses conhecimentos com base nas diversas culturas e tradições religiosas, sem desconsiderar a existência de filosofias seculares de vida. (BRASIL, 2018, p. 438)

Entretanto o que se vê na maioria das escolares, é um Ensino Religioso confessional que privilegia as doutrinas do cristianismo, folclorizando as datas comemorativas e/ou feriados religiosos judaico cristão. De certo, as diversidades religiosas e credos são silenciados dentro da escola.

Portanto, a *Alienação Eclesial*, é construído de forma intencional e deliberada, pelos professores que assumem a disciplina Ensino Religioso. Trata-se de profissionais comprometidos com os processos alienantes determinados pela sociedade capitalista com toda a suas mazelas. Trata-se de práticas docentes que alimentam discursos na perspectiva que visa reforçar a intolerância em todos os sentidos, o racismo, a LGBTQIfobia, a misoginia e demais discriminações que produzem violências que cerceiam a liberdade das pessoas.

As práticas docentes que apresentam os preceitos e escritos do Cristocentrismo como religião única e capaz de oferecer a vida em plenitude e desconsidera todas as outras, assumem um caráter conversionista. Esta é uma das características de práticas que constroem a *Alienação Eclesial*. Trata-se de práticas que julgam aqueles que não têm como crença o monoteísmo cristão. Assim, os processos de alienação se dão nas práticas baseadas nos discursos e narrativas construídas com finalidades e objetivos definidos e identificados com a ideologia das camadas dominantes. Isto é conhecido na sociedade dividida em camadas, sustentado pelas instituições religiosas e pela escola capitalista, como o testemunho daquele que, após ter se convertido, alcançou o “Jardim da abundância”, a “prosperidade financeira”, o “presente do céu” entre outras benesses merecidas pelo cristão. (SILVEIRA, 2007)

O que se leva em conta para a construção da noção de *Alienação Eclesial* é o fato de ela estar pautada em um sentimento abstrato como o de acreditar no que não se vê: a fé. Este sentimento se refere a ideia de estar ou não conectado com um ser superior que tudo vê e tudo domina. Esta mesma fé que leva a crer que esse apenas esse ser superior pode ajudar a alcançar a felicidade na terra. Esta felicidade é alcançada apenas por quem acredita no deus do cristianismo que vivencia experiências que podem ser inefáveis e inexprimíveis.

Buscando concluir, ainda que inicialmente, esse esforço de explicitação dos caminhos percorridos com o objetivo de precisar o sentido da noção de *Alienação Eclesial*, observa-se que se faz referência à escola e à religião como entidades identificadas como aparelhos ideológicos do Estado. Entidades cuja definição é polissêmica, visto que têm ancoragens nas ideologias capitalistas, nas ideologias religiosas e nas ideologias daqueles que assumem a profissão professor na sociedade. Entidades que assumem o lugar de suporte e produção da alienação eclesial enquanto se espera que elas sejam suporte para a libertação que valoriza os meios de vida tais como os meios de trabalho e de experiências que promove o esforço de conhecer e de se conhecer que também é um esforço de viver, bem como, perpassar essas dicotomias e discursos epistêmicos para atravessar as influências das religiões cristãs frente a Educação Básica, nas comunidades indígenas e quilombolas e principalmente aqueles que querem e forçam um conversionismo desenfreado sobre as multicultura, que sobrevive em meio ao caos de políticas públicas e a falta de respeito aos encantados, inkices, voduns, orixás e entidades que fazem parte do contexto da população que precisa ser assistida e respeitada.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**. São Paulo. Graal Edições, 2007

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRITO, Eliana Póvoas Pereira Estrela. **Entre a aceitação e a fuga: a juventude negra em trânsito nos currículos escolares.** Revista Exitus, v. 9, p. 37-65, 2019.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito.** (tradução Paulo Meneses). 5ª ed. Petrópolis: Vozes. 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Martin Claret, 2002. 198p.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política.** Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito.** Tradução de Paulo Menezes. 7ª ed. rev. Petrópolis: Vozes: Bragança Paulista: USP, 2002.

SILVEIRA, M. 2007. **O Discurso da Teologia da Prosperidade em Igrejas Evangélicas Pentecostais. Estudo da Retórica e da Argumentação no culto religioso.** 2007. 221f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.